



O Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário • 21 de Outubro de 1989 • Ano XLVI - N.º 1190 - Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Americo

CENTROS DE REABILITAÇÃO

• Manhã! Há neblina no vale. Na serra, o manto leitoso do nevoeiro. Nem uma folha se move. Doce quietude.

O garoto roubara coisas aos vizinhos e estragou-as. A maneira como procedeu, revela uma certa anormalidade.

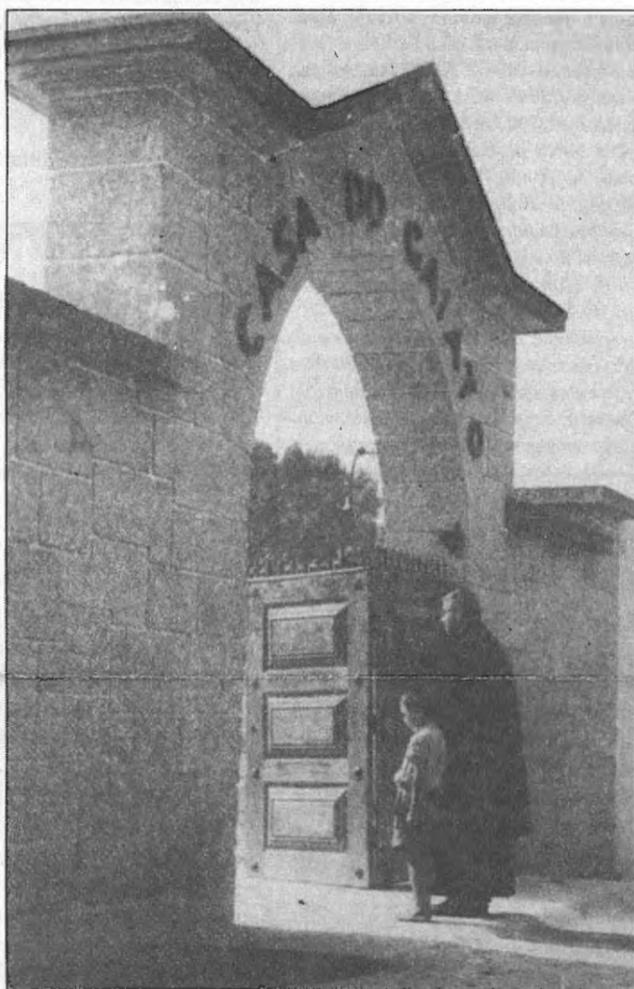
Conversei com ele, longamente. Deu-me impressão de que, para o mocito, é inacessível o carreiro da razão.

Hoje, veio ter comigo. Beijei-o. Estremeceu. Sinto, ao olhá-lo, um vazio interior; uma charneca árida sem arbustos nem capim. Só um grande amor poderá arrancá-lo à vastidão da charneca... Haverá tempo?

• Após três dias com muita calma, desapareceu. A polícia ainda não descobriu a sua identidade. Também, não tendo capacidade de resposta para estes casos, optam sempre pelo mais fácil: trazê-lo a uma das nossas Casas. Mas, não temos grades...

• As crianças com «casos» graves deveriam ser encaminhadas para o Tribunal de Menores; e, estes, cuidarem do seu acolhimento em instituições próprias — de reabilitação.

Mas, o Tribunal de Menores também opta pelo mais fácil e menos incómodo: Entrega as crianças à primeira Associação que as receba, na qual, em tantos casos, ficam tão deslocadas como na rua.



Não temos grades... «Somos a Porta Aberta.»

Sabemos que o papel da Justiça não é somente proferir sentenças e construir cadeias... Porque não Centros de Reabilitação e Reeducação com oficinas, escola, capela, campos de jogos, piscinas, mata e rio?... Falta de verba? Logo, a curto prazo, seria menos uma verba para as cadeias.

Padre Telmo

NOTAS DO TEMPO

• Em plena azáfama do dar contas dos jornais, escritório cheio de rapazes e de bulício, um pequeno anunciou um senhor que queria falar. Má hora, pensei. Terá de esperar um pouco, disse. O senhor assim fez.

Terminada a tarefa, encontrámo-nos. Homem dos seus sessenta e muitos, talvez setenta porque já aposentado, modesto na aparência e na fala, começa por dizer como nos conheceu.

Vivia, então, na Beira, do Índico. Ao lugar do seu trabalho chegava quinzenalmente O GAIATO, alguns exemplares dirigidos a funcionários que já ali não estavam. Custava-lhe o desperdício. E tomou a iniciativa de nos prevenir de quantos e quais iam em vão. Porém, antes de o ter feito, principiou a ler cada número que chegava e já não passava sem aquela leitura. Por isso mesmo a dor dos jornais que ficavam sem ser lidos e a pena dos que ficavam sem os ler. Podia ter deixado correr... e ia lendo... Mas não. Ao mesmo tempo que comunicava os novos endereços dos destinatários desencontrados ou pedia o cancelamento dos de quem desconhecia a nova morada, fez-se assinante. E até hoje, sempre, sempre mais apaixonado.

O nosso jornal, o *Famoso*, o *Apasionante*! Quem pode assim entrar nas almas e estremecê-las senão o Espírito de Deus que sopra aonde, quando e por quem quer?!

Pelo jornal, este senhor foi conhecendo a Obra da Rua, a doutrina que a sustenta, as acções que dela brotam em favor dos Pobres, no prestar-lhes a justiça que lhes é devida. Ele não virou a cara, antes a deu à inquietação que cada número do jornal lhe levava e tornou-se um enamorado d'O GAIATO, um colaborador anónimo da Obra de que ele é porta-voz.

Naquele tempo, crepitava em fortes labaredas o fogo do Património dos Pobres. Pois dos seus recursos modestos ele tirou uma casa. E nunca mais se cansou de partilhar. O que o faz sofrer é que tantos se desquitam das suas obrigações sociais mediante uma esmolinha ritual com que põem ponto final nas ditas obrigações que, conforme ele entende, nunca estão definitivamente cumpridas.

Oh homem de consciência! Se esta fora a regra, como nos estaríamos aproximando a passos largos do Reino de Justiça, de Amor e de Paz que Jesus veio implantar no mundo e os homens tanto adiam! Como seria mais saborosa a vida, mais generalizada a alegria de viver!

Ele estava ali, diante de mim, discreto, feliz, vitorioso sobre a sedução da riqueza, portador das suas economias (que arrecada com generosa ambição) para pôr em dia a sua assinatura de jornal e livros, aos quais ele julga dever, em grande parte, a alegria da sua liberdade.

O seu jornal e livros estão em dia até ao fim do mundo, tanto quanto

maneira mais encomiástica, porque alma gémea da sua.

Em 1985, ano centenário do nascimento do Padre Melo, fomos convidados a dar um breve e simples testemunho desta figura extraordinária de Homem e de Sacerdote. Como não vimos que tivesse vindo a lume a sua publicação, aproveitamos o ensejo para o reproduzir nestas colunas, como preito de homenagem sentida de quem foi seu aluno.

Eis, pois, o que coligimos, então, sob o título «Recordando para além dos tempos»:

«Três palavras breves, de forma esquemática, sobre a figura do querido e antigo Mestre do Liceu

Cont. na página 4

Cont. na página 4

AQUI, LISBOA!

☆ Gostamos de recordar datas fulcrais na vida das pessoas e das instituições, aproveitando-as para uma reflexão aprofundada ou para nos unirmos em espírito às personagens ou aos acontecimentos e tirarmos deles proveito, para melhor servirmos os mais fracos e desprotegidos. Pensamos que nem outra coisa se poderia esperar, mau grado as fraquezas humanas, de quem, «repleto de misérias», para

utilizar a expressão de Pai Américo, tudo abandonou, numa idade já avançada, para se dedicar à Obra da Rua. Outros saberão mais e farão melhor mas, embora tal não seja suficiente, ainda que sempre insatisfeitos, vamos continuando em humilde disponibilidade, a rota que abraçámos — servindo.

Passam este mês duas datas com alto impacto na nossa vida. Em 23, faria 102 anos Pai Américo, que

conhecemos em Coimbra e que tanta influência exerceria na nossa existência, sem que nos apercebêssemos do alcance do facto. Relembra-lo é um imperativo, que o seu exemplo é de uma riqueza inesgotável.

Em 24 do corrente mês, passa o trigésimo oitavo aniversário do falecimento do Padre Melo, que Pai Américo muito estimou e a quem se referiu, quando da sua morte, da

PELAS CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

• Ela entrega, em nossas mãos pecadoras, mais um receituário para a mãe — incurável.

Relata o dia-a-dia, pois arrosta, sozinho, um grande calvário, há vários anos, que os irmãos são menos sensíveis à dor... maternal.

Poderia relaxar-se... Ainda que o stress apareça, de vez em quando, com gravidade. O Senhor, porém, continua a dar-lhe Força, a operar o milagre da perseverança — na doação. E guarda-a do Mal, bendito seja Ele!

• No reino da miséria, a grande lição de Pai Américo era saber ouvir os Pobres — religiosamente. Escutar, com humildade, a voz dos sem voz para a transmitir cruamente ao mundo instalado.

«Estou sempre no mesmo ser...!» — afirmou um deles, algures, resumindo a cruz dolorosa com sabedoria. «Estou sempre no mesmo ser...!»

Largámos o antro, os dejectos, a podridão — e desabafámos. Como em oração, Pai Américo mantém um silêncio activo — olhos fixos em nossos olhos — enquanto o mundo passa, indiferente, na rotina de todos os dias. A imagem perdura!

PARTILHA — A assinante 592 põe em ordem diversas assinaturas d'O GAIATO e destina «o restante para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa».

Mais dez contos da assinante 52663, de Ovar, com muito amor pelos Pobres. 500\$00, de Vilares (Vila Franca das Naves). Idem, do assinante 18728, do Porto. O dobro da assinante 26398, de S. Mamede de Infesta — e um desabafo: «Desculpai, desta vez, ser mais tarde — mas não foi possível ser mais cedo». O valor da oferta reside no seu estado d'alma!

Livros de PAI AMÉRICO

Pão dos Pobres (4 volumes; o 2.º, esgotado); **Obra da Rua; Isto é a Casa do Gaiato** (2 volumes); **Barredo; Ovo de Colombo; Viagens; Doutrina** (3 volumes); **Cantinho dos Rapazes; Notas da Quinzena; De como eu fui...; Correspondência dos Leitores.**

DOUTROS AUTORES: Subsídios para o Estudo do Pensamento Pedagógico do Padre Américo, Dr. João Evangelista Loureiro; **Calvário**, Padre Baptista (esgotado); **A Porta Aberta, Pedagogia do Padre Américo — Métodos e Vida**, Dr.ª Maria Palmira de Moraes Pinto Duarte; **O Lodo e as Estrelas**, Padre Telmo Ferraz.

Agora, passa por nossas mãos alguém, de algures, que esteve conosco — de mãos cheias — e quer muito silêncio na passagem. O caminho das bem-aventuranças!

Assinante 4395, de Vila Nova de Famalicão, aparece, de vez em quando, com um «pobre» — diríamos rico — «contributo para uma ajuda que pretendo dar através da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus». Tavira: «O habitual vale postal de 5.000\$00 para os nossos Pobres (a riqueza do possessivo!). Que sejam aplicados conforme o vosso critério. Continuo no anonimato. Não é preciso enviarem agradecimento, basta uma leve referência n'O GAIATO. Que Deus os ajude — e à minha família também».

Assinante 22705, de Cortegaça: «Cá estou, mais um vez (na procissão), com esta migalhinha (5.000\$00) que é minha e de minha irmã, assinante do querido jornal O GAIATO. Um pouquinho da nossa pequena reforma que desejamos dividir — pela Conferência do Santíssimo Nome de Jesus — com aqueles Pobres que ainda têm menos». Esta Riqueza traz uma outra, encimada com um pensamento de Pirkel Avol: «Quanto mais caridade mais paz».

Assinante 50453, de Montemor-o-Velho: «Pequena ajuda para os Pobres da Conferência»; e uma invocação «para todos os jovens do mundo e todas as mães que, neste momento, estão sofrendo». Almas grandes!

Dois mil escudos da assinante 19138: «Pequeno contributo (mandarei todos os meses) para a Viúva. Deus a ajude que bem precisa! Sinto-me tão pequenina perante Deus e Ele dá-me esta alegria tão grande de dar, que eu acho não merecer!»

Mais presenças assíduas: Assinante 24851 recorta pontos fulcrais desta coluna e manda mil escudos «para onde fizerem mais falta». Tantos buracos nas veredas dos Pobres! Logo a seguir, o assinante 9790, de Oliveira do Douro (Vila Nova de Gaia), com três vezes mais, sugerindo «uma oração por todos os nossos irmãos doentes para que o Senhor os conforte e ampare e que o seu sofrimento seja oferecido como modo de purificação e em união com os sofrimentos do Senhor Jesus».

Assinante 26471: «Venho, mais uma vez, marcar presença com 2.000\$00 referentes aos meses de Setembro e Outubro. Se acharem conveniente, mantenho o meu desejo: que sejam entregues

a uma senhora idosa e doente». Outra, muito assídua também, a assinante 31104, com cheque para vários objectivos, solicitando apenas uma «referência, o mais discreta possível, n'O GAIATO — que leio sempre com o pensamento em Pai Américo». Que bem!

Fecha a procissão um bom Amigo da Rua Faria Guimarães, Porto, com cheque de dez contos, aproveitando o ensejo para nos dizer: «Há dias, tive a grande satisfação de verificar que um dos exemplares do livro Doutrina, que possuo, tem uma dedicatória de oferta do Pai Américo ao meu pai». Que valor estimativo!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

TOJAL

ESCOLA — Aí vem a Escola. Vamos a ver o que sai daqui, entre tantos estudantes. Esperemos bons resultados.

IMPORTANTE

Sempre que o Leitor escreva para as nossas Casas — por mor d'O GAIATO ou de livros da Editorial — faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e endereço em que recebe as nossas edições.

ABELHAS — O Manuel, mais uma vez, tirou o mel das nossas abelhinhas: 10 frascos. Alguns dos miúdos, pela sua curiosidade, levaram uns ferrões!

PORCOS — Já tiveram criação, mas alguns porquinhos acabaram por morrer!

CAPELA — A pedra do altar e a cruz estão no seu lugar. Esperamos termine a obra para ver como é que fica.

FUTEBOL — Realizámos, com os mais velhos, um jogo com uma equipa que vem cá todos os anos, mas, agora, trouxe malta nova e foi um bocado mais difícil. Resultado final: 2-2.

Luís Miguel Fontes

Do que nós necessitamos

Esta coluna não é uma linguagem fria de números. Não o foi quando Pai Américo, pela primeira vez, a colocou n'O GAIATO. Agora, do mesmo modo, é levantada com devoção, pela riqueza das mensagens que acompanham os donativos. Por essa razão cremos que pode ser luz colocada sobre o candelabro e não deve ficar escondida.

Uma mãe amargurada vem «depositar este cheque nas vossas mãos, nas mãos inocentes das vossas crianças, enfim, nas mãos de Deus. Venho com muita fé pedir pelo lar da minha filha, que está à beira da ruptura. Gostaria que fosse entregue a uma família que esteja a passar pelo mesmo drama e que, talvez, a agravar o seu desgosto, possa ainda sofrer de carências materiais. Só Deus sabe o que é melhor para todos».

Mais outro para ajudar a resolver grandes necessidades. O verbo ajudar vem carregado de significado. É humano e cristão. Importa resolver os problemas com a mão escondida, não vá acontecer que a vaidade roube o sumo mais precioso do dom. Por isso, uma septuagenária pede «que não agradeçam».

Para quem dá o que pode, é sempre pequenina a oferta, para uma necessidade pequenina, com a esperança de que, em breve, «poderei enviar um pouco mais. Para os pequeninos um beijinho cheio de amor e, para vós, um sincero obrigada por tanto bem que fazeis pelo próximo». Gesto humilde de quem está na rectaguarda, com a eficácia que nasce da certeza do apoio que nunca falta. É que há compromissos assumidos com muita dedica-

ção: «Já no princípio do ano comprometi-me a mandar, todos os meses, uma pequenina ajuda, conforme as minhas posses, para os sem tecto. Como nem sempre tiro tempo para ir ao correio, resolvi ir juntando e envio, agora, o referente a seis meses. Muito obrigada por tudo o que fazem pelos nossos irmãos». Quem pode pesar e medir o valor escondido nestes testemunhos? Que tesouro de doutrina! Mais uma assinante que se não julga com direito a todas as economias que vai fazendo, no fim de cada mês, à custa do seu trabalho. Reparte.

Não sei se os mestres em doutrina social têm a humildade de se reconhecerem «servos inúteis» ao verem como fazem os que vivem e dão lições, da cátedra da sua própria vida. Daqui saem os empurrões para andarmos para a frente. As soluções dos pequenos problemas, antes que sejam grandes e de mais difícil resolução, bebem na mesma fonte. Há situações humilhantes para o povo, no campo social concretamente, porque falta a sabedoria do coração pobre e humilde em quem detém o poder de decisão.

Alguns números: Da «Senhora das Rosas», 50.000\$00; mais 100.000\$00, na sala dos cicerones; 30.000\$00, do marido que se recomenda com sua mulher, filhos e neta; mais 30.000\$00, repartidos pelo que for mais necessário; 50.000\$00, «quantia que ofereço com muito gosto a O GAIATO»; «muito obrigada pelo exemplo que dão ao mundo e Deus queira que tenham sempre montanhas de força para ultrapassar as dificuldades de

cada dia, mais 10.000\$00»; da Escola da Boavista (Arcozelo), 14.500\$00; um grande abraço do casal Luísa Maria e José Evaristo, todos os meses; Artur e mulher pedem para não agradecerem porque quem fica imensamente grato, são eles; mãe que nos compromete também com a felicidade de seu filho, no estrangeiro, para que a ajudemos a libertá-lo da tentação do jogo e da bebida que tanto a tem amargurado, partilha conosco 30.000\$00; outra mãe pede o anonimato e oferece a duas amigas a assinatura do jornal O GAIATO. De um grupo de trabalhadores, no seu passeio anual, 20.000\$00, com o desejo de que este gesto se repercuta no coração de todos e se repita por muitos anos, pelas mãos de um velho amigo. Outro gesto com muito significado: «Estas pequenas migalhas são de aumentos de ordenado que, como sempre, os destino à vossa Obra».

Não fosse a comunhão de vida que se gera entre os de fora e os de dentro e esta coluna perderia o sabor que sempre tem: «A nossa querida neta Marta, apenas com onze meses e meio de idade, deve ser operada a uma perninha. Um beijo para todos vós — de uns avós aflitos que vos ficam muito agradecidos». A perseverança das A. R. A., conhecidas de há anos, cimenta esta união. Mais ainda: os alunos da Telescola de Gandarela (Celorico de Basto), deixaram 25.000\$00 para «os irmãos da Casa do Gaiato».

As alegrias e as aflições andam de braço dado. Acolhemo-las como se fossem também nossas: «Envio esta

pequena oferta para os pequeninos gaiatos. Rezai por mim e pelo meu lar». Todas as manhãs, a patena da nossa Eucaristia é cheia de hóstias vivas que se transformam em Pão Redentor. Mais partilha de um sacerdote que há cinquenta anos trabalha na Messe do Senhor, com 87 anos. Para comemorar o acontecimento, envia 50 contos. Agora, este pormenor a recordar o amor que «meus pais tinham pelas crianças».

O coração é tocado de muitos modos. É preciso libertá-lo e deixar-se conduzir pelo caminho do desprendimento quando a ele se é chamado: «A liturgia do dia inspirou-me a enviar hoje o cheque de 80.000\$00, que segue junto e, há tempos, destinado a ser depositado no «Banco dos Pobres», o único que faz render cem por cento. É o fruto das minha economias que aplicareis como melhor entenderdes. Assinante 33900».

As viúvas, as mães solteiras ou abandonadas com filhos pequenos, doentes ou deficientes ocupam um lugar em muitas vidas. É importante que cada um, do seu posto na vida, faça o que está ao seu alcance. Se houvesse uma mobilização das forças do bem, a partir da sensibilidade para casos muito concretos onde a miséria moral e material dominam, o mal deixaria de avançar e fazer tantas vítimas. É preciso despertar.

Há quantos anos, meu Deus!, damos conta da presença destas duas letras — C. F. — a assinar o envio de 500\$00, em selos de correio. Com outro tanto e a mesma amizade, estão presentes a Ange-

Notas da quinzena

1 Bem queria responder pessoalmente à senhora que, hoje, me escreveu. Mas assina com as palavras: «Sou a vossa amiga Maria» e não consigo descobrir o endereço porque não o pôs na carta. Peço licença para transcrever parte dela:

«Estou meia tonta e ao mesmo tempo desolada. Acontece que ao reler o 'De como eu fui...', deparo na página 191 com o seguinte parágrafo: — Tirante as Missas matutinas, eu tenho medo de dar a Comunhão às senhoras em qual-

quer igreja e não dou. Não dou, pronto! Não se pode presumir recta intenção da comungante por quanto a palavra foi dita para valer sempre: 'Ninguém pode servir a dois senhores'. A ordem promana precisamente d'Aquele que se pretende comungar. É Ele a falar. Eu cá tenho para mim que estas pessoazinhas fariam bem melhor ficando de fora a servir o outro senhor, do que atrancar as nossas igrejas. Quem sabe? Talvez elas, as igrejas, se enchessem de trabalhadores! Assim, é tudo cisco!»

Só o muito amor às senhoras e aos senhores levou Pai Américo a falar assim. Agora, diria o mesmo. O dinheiro gasto em jóias e pinturas que nada têm a ver com a fé que se professa, é um insulto à vida dos Pobres que o são de verdade e caem na miséria que não merecem. É neste contexto que as palavras d'Aquele que se comunga devem ser entendidas. A Fé, antes de mais, é um acto contínuo de amor ao Senhor presente na Eucaristia e presente, com a mesma verdade, no Pobre. Quem serve o senhor dinheiro como pode servir o Outro? Só os pobres de coração podem entender a linguagem do Evangelho e gozar da alegria proclamada nas Bem-Aventuranças. O resto vem por acréscimo até ao dom da própria vida.

Tribuna de Coimbra

★ Hoje tivemos a visita do Manuel e esposa. Ele esteve cá quatro anos e saiu já há quarenta e cinco. Nunca mais voltou. Teve muitas vezes vontade, mas nunca conseguiu. Agora comprou um carrinho e veio.

Eram horas de almoço. Comeram connosco. A esposa não tirou os olhos dos nossos rapazes, sobretudo dos mais pequeninos.

Que espanto o dela a perguntar onde arranjamos comer para tanta gente. Onde conseguimos dinheiro para todo o resto.

Sorrimos com esta santa simplicidade. Lêem O GAIATO, mas não nos conheciam por dentro. Depois, deram uma volta por toda a Casa. Ficaram mais da família. Entregaram sua oferta e prometeram continuar. Despediram-se mais felizes.

Como o Manuel falou de Pai Américo que o recebeu há quarenta e nove anos! «Era um grande homem e muito bom!»

O Manuel e esposa deixaram uma marca de felicidade, de família que se encontra e se fica a conhecer melhor. Tivemos de prometer que iremos a sua casa.

★ Dia de Festa! Foi uma grande Festa, aquele domingo em que foram baptizados o Vítor Manuel, o Jorge Manuel, o Frederico e mais vinte fizeram a primeira comunhão!

Alguns deles, já adolescentes, ficaram para trás por deficiências

lina, Raquelina e Alexandrina. No Espelho da Moda, 50 contos para os que dependem da Obra da Rua. Assina, uma Mãe. 1.600\$00 deixados por mão própria. Arquitecto muito amigo vem todos os meses com a sua contribuição. Desta vez, é de 20.000\$00. O assinante 44817 penitencia-se e quer ficar no anonimato. Fica o recado à mãe que prometeu ajudar, com 50.000\$00, uma consulta urgente quando não pudesse ser feita pelos meios normais. A mesma quantia do assinante 17371 com a retribuição do abraço para a Obra da Rua. E a luz continua a iluminar a estrada.

Padre Manuel António

intelectuais. Agora, por várias vezes, todos levantaram o braço. As férias grandes foram de catequese diária, mesmo nos dias à beira-mar. Os vários catequistas puseram seus cuidados a prepará-los. O sacerdote que naquele fim-de-semana veio de Lisboa, uma boa prenda. Todos procurámos fazer e viver a Festa.

Quando, ao sair da sala de jantar, perguntei qual a terra aonde queriam ir naquele dia, todos gritaram: — *Fátima!*

E fomos a Fátima. Na capelinha, consagrámos-nos à Mãe. Na basílica, rezámos junto dos túmulos de Francisco e de Jacinta. Em Aljustrel, visitámos os lugares mais venerados e todos compraram uma lembrança. A caminho de Casa tomámos um refresco. Eram horas de jantar quando chegámos. Um dia todo de Festa!

Quase todos andam de cara festiva. O primeiro encontro consciente com o Senhor, marcou-lhes a vida. Que vivam sempre esta Comunhão!

Padre Horácio

2 No domingo passado, a meio da tarde, um pequeno veio chamar-me para atender umas pessoas. Eram os pais e a filha. Com muita simplicidade disseram da razão de sua vinda. A Mónica terminara o seu curso de educadora de infância e vinha entregar o seu primeiro ordenado. Ali mesmo, em cima da mesa, passou o cheque. A serenidade dos pais e a alegria da filha foram as pinceladas mais delicadas deste quadro, naquela tarde de domingo.

Neste tempo em que a gratuidade do serviço — como elemento enriquecedor da vida de quem trabalha — parece esquecido pelo desejo de ter cada vez mais, o gesto desta filha aponta para mais generosidade. Quem sabe até onde?

3 Durante quatro dias, as senhoras que servem na Obra da Rua estiveram juntas, em retiro espiritual. Foi tempo de paragem à volta da

Mesa e da Fonte, no encontro de novas energias para continuar a caminhada que é longa e, por vezes, muito dura. O humano e o divino, partilhados em comum por quem vive o mesmo ideal, dão

confiança e mais segurança no caminho. Que o Bem recebido seja repartido por aqueles a quem se deram sem reservas.

Padre Manuel António

Novos Assinantes de O GAIATO

Permanece, com muito fervor, uma acção vinculativa: familiares inscrevem familiares. Laranjeiro: «Escrevo estas duas letras só para enviar o endereço dum cunhada que deseja ser assinante d'O GAIATO». Viseu: «Mais uma vez, mando os nomes de alguns pequeninos assinantes. Sou a assinante 17477, a professora das 'bandas de Viseu' que, agora, pede o jornal para um segundo neto. Outro novo assinante, de três anitos, é meu afilhado. Uma menina de três aninhos, também. Agradeço a remessa do jornal da primeira quinzena de Agosto. A menina fez anos; o menino, idem, que o baptizei.»

Mais disponíveis, as avozinhas continuam em maré alta!

Assinante 54682: «Queiram aceitar o meu netinho, de nove anos, como assinante do Famoso».

Quase todos os dias recebemos inscrições pessoais! Assinante 54672: «Para os netos doutras avós, pequena dádiva pedindo orações para, esta e para meus filhos e netos. Agradeço me inscrevam assinante do jornal». Covilhã: «Sou leitora d'O GAIATO sempre que ele passa por esta cidade. Adoro lê-lo! Acho uma maravilha como ainda há uma Obra que se preocupa com o melhor que há no mundo — as crianças. Inscrevam-me como assinante do jornal».

Alguns, algumas, para melhor conhecerem (sem fantasias) a vida e Obra de Pai Américo, pedem logo a remessa de livros da nossa Editorial. Exemplo: a nova assinante 43439.

Muitos Amigos não perdem ocasião de anunciar O GAIATO a outros que o desconhecem ou jamais

se preocuparam com a leitura do pequenino mensageiro. Presença alentejana: «Angariei uma assinante que o irá ler e despertará do marasmo a que, às vezes, se entrega. Deus a ajude». Algarve: «Junto um cheque para a assinatura dum senhor que deseja começar a receber o apreciado jornal. Pertence à excursão, do Algarve, que visitou a Obra da Rua em Julho. Por isso, não a mencionei na lista». Maria de Jesus: Veja como surtiu efeito! O resto virá, a seu tempo. Levaram o pequenino revolucionário e ficaram a compreender melhor a Obra da Rua.

Leiria: «Envio mais uma assinatura, angariada por minha mãe que nutre — tal como eu — grande carinho pela Obra do Padre Américo. Trata-se dum emigrante que, antes de partir, quis deixar uma lembrança e nós achámo-la 'melhor' para os gaiatos. Não há como pôr a render...» Ílhavo: «Sou uma nova assinante d'O GAIATO — que muito aprecio. Já o conheço, há muitos anos, mas só agora consegui ser assinante — por intermédio de pessoa amiga. Mas, hoje, proponho uma outra...» Johannesburg (África do Sul): «Aqui estou, como de costume, a regularizar a minha assinatura e pedir a remessa do jornal para uma amiga minha. Tenho-lhe dado os meus jornais para ler. Gostou. Assim, vai directamente». Aonde houver portugueses, aí está o Famoso!

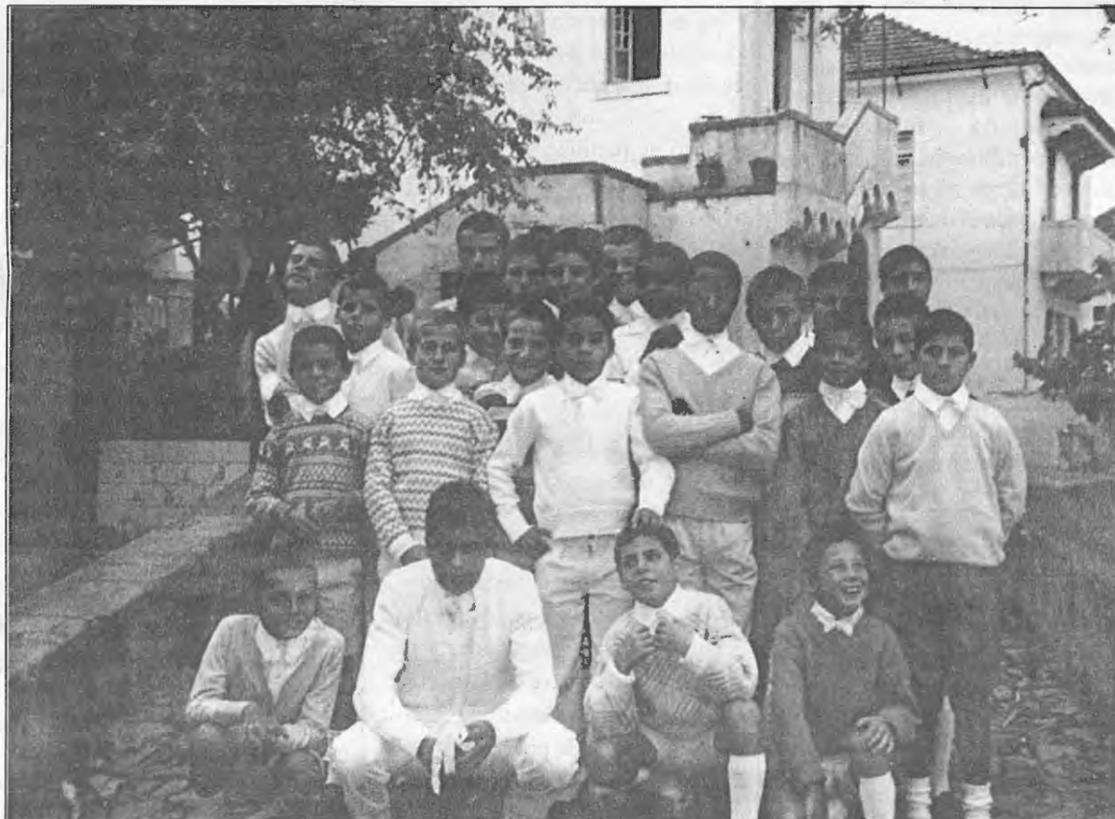
Júlio Mendes

EFEMÉRIDE

Pai Américo nasceu na freguesia de Galegos, concelho de Penafiel, à uma hora da noite de 23 de Outubro de 1887. Filho de Ramiro Monteiro d'Aguiar, lavrador, e de Teresa Ferreira Rodrigues, lavradeira, moradores no lugar do Bairro, neto paterno de José Monteiro de Aguiar e Albina dos Santos e materno de António Joaquim Ferreira e Lourença Rodrigues.

Em 4 de Novembro de 1887 foi baptizado solenemente na igreja paroquial de Salvador de Galegos, pelo Padre António da Rocha Reis, com o nome de Américo Monteiro de Aguiar, sendo padrinho Joaquim da Rocha e madrinha Maria Ferreira Rodrigues.

A breve lembrança testemunha o amor de seus filhos e dos Pobres que tanto amou.



Miranda do Corvo: Os vinte e três que fizeram a Primeira Comunhão, três dos quais foram baptizados.

Notas do Tempo

Cont. da página 1

ele, estando no mundo, já não é do mundo — homem decidido por Deus contra Mamona.

E eu, tolo de mim, a pensar que era má hora para um encontro destes!

• No final da conversa também eu desabafei. Tinha diante de mim um homem em sintonia. Ele compreende o que dá sentido à vida: pormo-nos cada um de nós e pormos cada coisa no seu lugar.

«A minha reforma chega-me e chega para mais.» Chega-lhe a ele que é coerente orante do Pai Nosso: «O pão de cada dia nos dai hoje. Venha a nós o Vosso Reino.» A vul-

garidade acharia que é uma reforma de miséria. A ele chega e chega para os Outros — aqueles a quem ainda não chega o pão de cada dia, não por falha da Providência, mas pela má administração dos homens, de tantos e poderosos que são o inverso do «servo bom e fiel que Deus pôs à frente da Sua família, para distribuir a cada um, oportunamente, a sua medida de trigo». O homem que estava diante de mim é desta estirpe que a Palavra Revelada canoniza. De quantos perigos Deus o livrará, quantas faltas lhe perdoará por esta consciência de que os Outros são Alguém de consideração a quem devemos estar presentes — consciência que ele assume e segundo a qual norteia a sua vida!

Este fim-de-semana foi rico em desgraças e aflições que conosco vieram repartir. Mas eu já entrara nele amargurado pela tristeza do mais pequeno de dois irmãos recém-vindos de Bucelas que, ao mostrar-me o seu espólio (o retrato de um irmãozito de três anos) me segredou: «Tenho saudades dele. Se ele pudesse vir para o pé de nós...» Nem de mãe, nem de pai, nem da terra..., de nada ele trazia saudades senão do irmãozito que lá ficou. «Se ele pudesse vir para o pé de nós...»

E não pode. E tão cedo não poderá, a menos que surja a mulher forte, na força da vida, que se

decida a virar costas à vida que ora tem, por boa e válida que ela seja, e venha adoptá-lo e aos outros mais pequeninos que cá temos.

As outras desgraças e aflições mais esta amargura foram o tema final deste encontro — o meu desabafo. «Nem só de pão vive o homem.» Nem só o dinheiro é objecto de partilha. Nem ele resolve tudo, ao contrário do que pensam muitos devotos de Mamona, mesmo os que se revestem de uma opa nas grandes solenidades.

E a este homem que não pode responder por si a esta amargura, eu confio o encargo de pedir a graça que a cure, certo de que a sua oração será ouvida pelo Senhor com o enlevo com que Ele escuta os justos, com a satisfação que costuma conceder-lhes.

Padre Carlos

RECORDAR

A viagem de Coimbra para Miranda do Corvo fora também rica de contrastes: da recordação (lacrimosa) dum lar inexistente pela orfandade..., diferença d'ambiente, à curiosidade natural do adolescente, temperados pelo bafo paternal de Pai Américo.

A curta distância, em comboio a vapor, até Miranda do Corvo, retemo-la na memória, pelo choque entre a planura sem fim do Alentejo e o verde-esperança que emerge da serra da Lousã, aonde Pai Américo assentara os fundamentos da Obra da Rua que nascia, divinamente, por intuição, no coração grande que Deus lhe proporcionara para salvar o garoto da Rua — e como Recoveiro dos Pobres de Portugal.

Quando ambos surgimos no lugar dos Bujos, a notícia correu célere na Comunidade! Pai Américo regressava, pelo seu pé, e trazia na mão mais um filho que adoptara. Horas felizes, transbordantes, estas recepções em Miranda do Corvo, naquele tempo! A vida não parava, evidentemente. Mas todos quantos surgiam ao longo do caminho, até à velha casa-mãe que permanece como berço da Obra, saudavam o Pai com veneração; e perguntavam pelo novo gaiato... Vale a pena recordar o Freitas, o «Bruxa», o ti Pedro, o sr. professor (...) e o rasto que Amadeu («Elvas») deixara. Pai Américo escolhera este meu irmão, rumo a Paço de Sousa, na primeira leva de co-fundadores da Casa do Gaiato das Ruas do Porto, aos quais me vim juntar, pouco tempo depois.

Júlio Mendes

Procurei dizer aos sacerdotes aquilo que ouvi a Pai Américo. Não vamos resolver todo o problema da Habitação. Vamos aos casos mais gritantes. Vamos àqueles que só a Caridade pode resolver. A Caridade é nota da Igreja. A Igreja é Mãe. «Estas casas constroem-se no Altar.» O Altar é a fonte. O dinheiro aparece depois. Há muito dinheiro! Há é pouca alma a dar vida ao que está morto. O cristão daquela aldeia e estes sacerdotes com juventude, apontam caminhos novos de Felicidade. Vamos com confiança!

Padre Horácio

Aqui, Lisboa!

Cont. da página 1

D. João II, em Coimbra, Dr. Luís Lopes de Melo, sempre presente na mente, apesar de mais de 50 anos passados. Fazemo-lo com uma certa emoção, até porque tendo conhecido muita gente ao longo da vida, pouca nos deixou tão gratas lembranças.

A primeira ideia que persiste no nosso espírito é a da bondade que o Padre Melo transparecia em todos os instantes, no contacto com os seus alunos. Bondade paciente e firme, que a truculência e o irrequietismo dos adolescentes não faziam abalar; bondade — serviço dum Homem sempre disponível para os outros.

A segunda característica que desejaríamos pôr em evidência diz respeito à profunda humildade d'Aquele cujo centenário agora se comemora. Nunca lhe ouvimos fanfarrônicas de qualquer espécie. Dos actos heróicos praticados na Grande Guerra de 1914-18 ou da sua acção num célebre incêndio da Baixa de Coimbra, em que morreram bastantes pessoas, jamais se gabou, de modo indirecto ou explícito. Homem excepcionalmente culto, porque verdadeiramente pobre à maneira do Evangelho, nunca pretendeu alardear os seus conhecimentos. Conhecemo-lo sempre simples e discreto, como é próprio das almas grandes. (Não olvidamos também a sua heroicidade ao tentar apagar, com a capa, as achas humanas projectadas da casa-esqueleto, montada na Praça da República, quando das Festas da Rainha Santa, salvo erro em 1936 ou 1938, numa das tragédias mais célebres da Lusa

Atenas. As suas mãos queimadas, no funeral monstro que se seguiu e comoveu a cidade e o País, parecem-nos presentes.)

A terceira nota, que não é mera reminiscência, mas realidade bem viva e que nos marcou através da existência: o seu grande amor à Pátria. Sabe-nos bem assinalar tal facto nesta época da nossa História, em que os verdadeiros Valores são, tantas vezes, postergados e a mesquinhez impera. Amor sadio e exigente, no respeito pelos antepassados e das gestas lusíadas; amor-compromisso, dinâmico e consequente, para bem da nossa Terra e das suas gentes.

Ao vermos nos bicos dos pés tantos nossos concidadãos para que os topem e aplaudam, mas sem estatura moral e cívica que os recomende, apraz-nos deixar em letra de forma o que atrás fica dito. Muito mais haveria a narrar. Outros o farão com melhor estilo e conhecimento, para que fique aos vindouros o testemunho dum Homem cuja memória não se apagará.»

☆ Regressados de férias, preparamo-nos para enfrentar as realidades do novo ano social, fazendo balanço do passado e projectando o futuro. O dinamismo da vida não se compadece com paragens ou desânimos, mau grado as dificuldades e os problemas de uma Casa do Gaiato. Em breve daremos contas dos anseios ou sonhos idealizados. Só pedimos a Deus — como na liturgia do dia em que escrevemos, fizeram os Apóstolos — que aumente a nossa Fé, na certeza de que, cumprindo o nosso dever, seremos apenas «servos inúteis».

Padre Luiz

PATRIMÓNIO DOS POBRES

A caminho da grande reunião de sacerdotes, passei naquela aldeia onde um dos habitantes me queria falar. É um homem cristão que tem negócio. Aflito com a situação em que vivem algumas famílias da sua terra, sobretudo agora aflito com uma: «Sempre que passo junto daquela casa miserável, vejo aquelas crianças nuas e sujas e com cara de funintas. Dói-me o coração! Tome lá e ajude a ajeitar aquela casa».

Entregou-me um maço de notas e disse-me que contasse com ele para ajudar outras casas. Nomeou algumas instituições que tem ajudado. Tudo com simplicidade e espírito de partilha. Nesse mesmo dia falámos a pedreiros.

Fez-me muito bem aquele encontro. Um homem que entende que não é senhor absoluto de nada. O fruto do seu trabalho e do seu negócio «é para dividir por aqueles que mais precisam».

Depois, na reunião, alguns sacerdotes descreveram problemas de famílias necessitadas que os atormentam. Sobretudo as que vivem em moradias do Património dos Pobres. Casas degradadas e de substituição. Famílias com condições económicas para viverem em habitação própria e estão a explorar casa que deve ser para outras, carenciadas. Um mundo de problemas! Dei a todos uma palavra de esperança e conforto.

Encantou-me o testemunho de um dos párocos. Numa das suas paróquias há um casal novo com quatro filhos. Ele é pedreiro e está a ser apanhado por arteriosclerose. A mulher gasta muito dinheiro em medicamentos. Pedem que os ajudem a fazer dois quartinhos para os filhos e um quartinho de banho. E não pedem mais nada. Que ternura a daquele sacerdote novo a apresentar-me esta sua aflição!

Ele tem outras aflições com outras famílias. Tem ajudado com materiais do salão. Não diz nada a ninguém por causa da inveja de muitos. Anda. Faz. Sente que é esse o seu dever. Dei-lhe razão e prometi ajuda.

Outro pároco veio comunicar que as três casas já estão a ser reparadas. As dificuldades foram vencidas e mãos à obra. «Vão ficar muito jeitozinhas e aquelas famílias muito bem instaladas. Valeu a pena!»

Com que alegria este sacerdote, sempre com espírito de jovem, dá esta notícia! «Vale sempre a pena se a alma não é pequena.»



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: Casa do Galato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Tel. (055) 952285
Fotocomp. e imp. offset: Escolas Gráficas da Casa do Galato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Cont. 500788898